

Este suplemento refere-se à obra *O chamado do monstro*, da Editora Ática. Não pode ser comercializado. Elaboração: Juliana de Souza Topan.



SUPLEMENTO DO PROFESSOR

# O CHAMADO DO MONSTRO

*Um livro de* **PATRICK NESS**

*Baseado em uma ideia original de* **SIOBHAN DOWD**

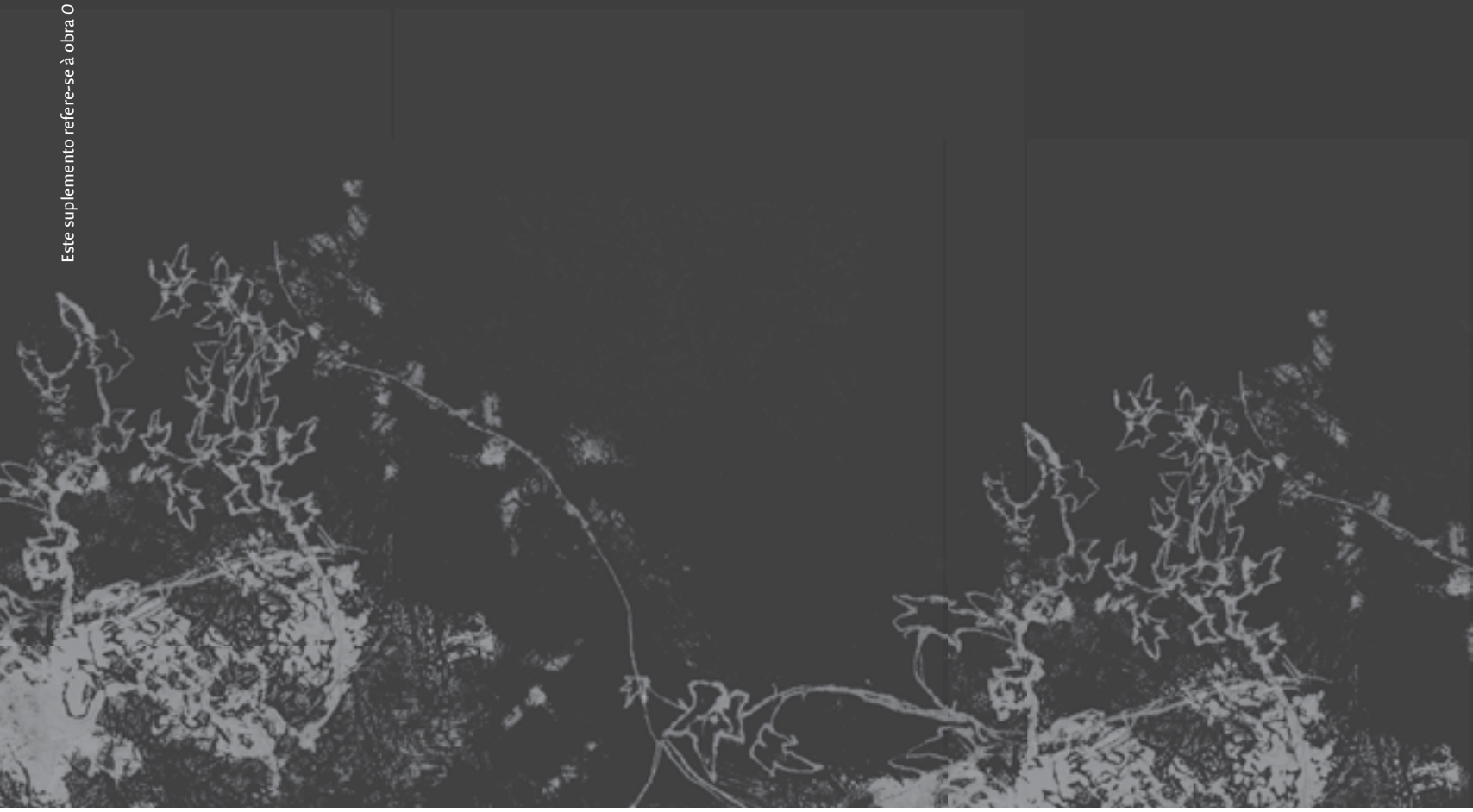
**ea**  
editora ática

## (Z) A sua alternativa de leitura.

Na série Z, livros são como leitores: cada qual tem sua personalidade, seu jeito diferente de ver o mundo...

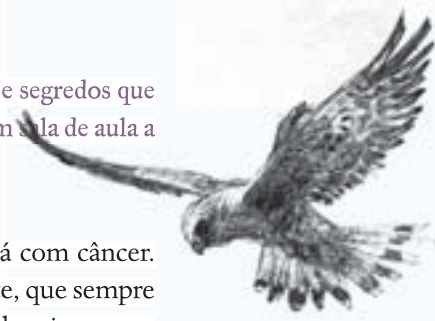
Como todo adolescente que quer encontrar o que há de diferente em si, cada livro da série Z valoriza a originalidade. Tal tendência aparece nos projetos gráficos individualizados, em sintonia com cada narrativa, e na seleção do que há de mais surpreendente na prosa jovem nacional e estrangeira. Temas e estilos literários variados refletem o novo, o contemporâneo, propondo a ousadia de ser diferente com conteúdo.

Bons livros são espelhos. Olhando com atenção, é possível encontrar caminhos, jeitos de ver a vida, respostas, outras perguntas e, entre tantas opções corretas, o mais importante: a sua alternativa de leitura.



## OLHAR PARA SI MESMO REVELA AS MAIS PROFUNDAS VERDADES

Veja o resumo da emocionante história de Conor, com todos os mistérios e segredos que surgem com a aparição do monstro, e os temas que podem ser abordados em sala de aula a partir da leitura do livro.



Conor tem 13 anos. Filho de pais separados, mora com a mãe, que está com câncer. Certa noite, o menino acorda, em meio a um terrível pesadelo recorrente, que sempre termina sem conclusão. Alguém sussurra seu nome. Na janela, o grande teixo agora é um monstro assustador. Não para Conor, que afirma ter visto coisas piores. Mas o monstro não se abala e diz querer dele algo realmente tenebroso: a verdade. Contará três histórias (e, vendo o despeito do menino, afirma: “histórias são criaturas selvagens”). Na quarta história, Conor será personagem – e dela, deverá extrair sua verdade.

A primeira história, de um príncipe que mata a filha de um aldeão, por quem era apaixonado, pelo bem do reino todo, e finge que a culpada havia sido sua madrasta, então deposta pelo povo raivoso, mostra a Conor que não existe ninguém apenas bom ou mau. A segunda história é de um pároco que, depois de negar ao boticário do vilarejo o teixo que estava em sua propriedade, pede ajuda dele para salvar as filhas doentes. O boticário nega, e as meninas morrem. A casa do pároco é então destruída – culpado por tudo que acontecera, ele havia sido vítima do próprio egoísmo. A terceira história é sobre um homem invisível, que decide fazer com que notem sua presença.

Chega o momento esperado. Conor deve revelar *sua* verdade na quarta história, que começa no pesadelo recorrente: sua mãe, pendurada num penhasco, implora que ele não a deixe cair na escuridão; mas ele a solta e confessa desejar que tudo termine logo. O monstro lembra-o que os humanos são criaturas complexas, para as quais as ações, juntamente com a coragem de nomear os pensamentos, são a verdadeira coragem, combustível para as mudanças. É o que explica, em uma das passagens mais tocantes da narrativa; “como pode um príncipe ser, ao mesmo tempo, um assassino e o salvador? Como pode um boticário ter uma péssima índole e estar certo? Como pode um pároco ter um bom coração e estar errado? Como pode um homem invisível ficar ainda mais solitário depois que passa a ser visto?”.

Sabendo do poder curativo das palavras, Conor vai com a avó ao hospital em que sua mãe está internada. Em uma das descrições mais bonitas do livro, límpida e profunda, a abraça e sinceramente diz que não queria que ela morresse. Mas a deixa ir embora, com serenidade.

### PRINCIPAIS TEMAS DE O CHAMADO DO MONSTRO:

- ▣ Aceitação da morte
- ▣ Relacionamento familiar
- ▣ Autoconhecimento
- ▣ Amadurecimento
- ▣ Bullying

## IDEIAS PARA SALA DE AULA

Aqui você vai encontrar sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula antes, durante e depois da leitura. Elas propõem reflexões sobre a história, sobre a estrutura narrativa e sobre temas interdisciplinares para além da ficção.

### A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS

Um dos principais temas de *O chamado do monstro* é a importância das histórias. Uma boa forma de começar a trabalhar o livro em aula é lembrar aos alunos que a própria figura do monstro se origina de uma mistura de personagens míticos presentes no imaginário comum, alimentado pelas histórias: a lenda de Herne, o Caçador, de Cernuno e do Homem Verde (p. 44). Tendo isso em vista, o professor pode dividir os alunos em três grupos e pedir que um pesquise sobre um dos personagens citados pelo monstro. Depois da pesquisa pode haver uma conversa em que o professor faça os alunos perceberem a grandiosidade que têm as narrativas, inclusive nas ramificações e re-significações que elas vão ganhando através dos tempos – *O chamado do monstro* é, inclusive, uma dessas re-significações. A atividade pode terminar em uma segunda parte, em que cada grupo pesquise lendas e histórias populares brasileiras que ainda continuam tendo grande importância nos dias de hoje. O professor pode dirigir os alunos e pedir, por exemplo, que prestem atenção em como as histórias se transformaram, que lugar ocupam e quais seus significados atuais. Com fecho da atividade, os alunos podem organizar artisticamente o que descobriram e apresentar ao restante da escola como uma exposição.

### INVESTIGANDO OS MECANISMOS DO BULLYING

Além de lidar com a doença de sua mãe, Conor enfrenta momentos difíceis na escola: alguns de seus colegas não apenas o discriminam, como são rudes e agressivos com ele, em um descarado caso de bullying. Discutir tais comportamentos em aula é fundamental – não apenas porque o assunto está em evidência, mas também porque é preciso proteger os jovens, conscientizando-os sobre o uso da violência. Para tanto, *O chamado do monstro* pode ser um grande aliado, já que na narrativa Harry e seus comparsas entabulam um bullying muito sutil (aos olhos dos outros) e, ao mesmo tempo, muito agressivo e perverso. O professor pode pedir aos alunos que separem, individualmente, momentos da narrativa nos quais acham que a violência cometida contra Conor é exacerbada, e que depois escrevam um texto crítico apontando por quais motivos o uso da violência, em qualquer forma que ela assuma, é condenável. Para fechar a atividade pode ser feito um debate em que os alunos exponham sua opinião sobre o tema tendo como base o livro lido e os textos produzidos.

## DIFERENTES GERAÇÕES: CONFLITOS E APRENDIZAGEM

Em *O chamado do monstro*, Conor e sua avó têm uma relação conflituosa e, em sua maior parte, difícil. Ao mesmo tempo, a avó é quem está ao lado de Conor nos momentos mais duros – para ele, como filho, e para ela, como mãe. O professor pode propor uma atividade em que se discuta o papel desta personagem na narrativa: ela é coadjuvante, mas também um dos pilares que sustenta a história. Os alunos podem, individualmente ou em grupo, listar as características da personagem e mostrar como a visão que o leitor tem sobre ela vai mudando ao longo da narrativa, pegando exemplos do próprio livro. Depois, podem ser divididos em grupos e fazer entrevistas com parentes ou conhecidos mais velhos, buscando estabelecer parâmetros que mostrem as diferenças de visão de mundo entre as gerações.

## A IMPORTÂNCIA DE CONTAR HISTÓRIAS

A presença do monstro na vida de Conor é ainda mais acentuada pelas histórias que ele conta ao garoto: é por meio delas que ele consegue lidar mais serenamente com a necessidade de enfrentar a morte da mãe. Sugere-se ao professor a leitura do texto da psicanalista Maria Rita Kehl, “As crianças e seus narradores”, escrito como prefácio para o livro *Fadas no divã* (Mario Corso e Diana Lichtenstein, Artmed, 2006). Em um dos trechos, a autora diz: “Contar histórias não é apenas um jeito de dar prazer às crianças: é um modo de ampará-las em suas angústias, ajudá-las a nomear o que não podia ser dito, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento (...)”. Após a leitura de *O chamado do monstro*, o professor pode conversar com os alunos sobre a importância que as histórias têm em nosso imaginário e, portanto, na construção que vamos fazendo de nós mesmos. O professor pode debater, também, finalmente, sobre em qual perspectiva os alunos entenderam o “chamado” do título: teria vindo de um monstro fantasioso ou do próprio Conor? O texto de Maria Rita Kehl está disponível em seu site, [www.mariaritakehl.psc.br](http://www.mariaritakehl.psc.br)

## É A LAMA, É A LAMA

A morte é tema recorrente em *O chamado do monstro*. É tratada com suavidade, firmeza e beleza – muito diferente da morte que se vê anunciada nos noticiários e jornais sensacionalistas. Nesse âmbito, o professor pode propor uma percepção mais ampla de como esse difícil tema pode ser entendido/sentido. Para isso, propõe-se o confronto entre três diferentes produções artísticas que falam da morte (ou de o fim de um ciclo) e a morte “estampada nos jornais”. A primeira é a canção “Águas de março” (Tom Jobim, 1972) na qual, em meio a “promessa de vida”, “sol” e “ave no céu” há também a morte, o fim, anunciados: “pau”, “pedra”, “tombo da ribanceira”. A segunda e a terceira, dois filmes que falam do tema de modo sensível e respeitoso: *A partida* (Japão, 2008) e *Hanami: cerejeiras em flor* (2008). Os alunos podem ouvir a canção e assistir aos filmes, procurar matérias de jornal que tratem a morte de maneira desrespeitosa, e discuti-las em classe. O poema “A morte do leiteiro”, de Carlos Drummond de Andrade, ilustra bem como a vida humana pode ser tristemente tratada com algo banal. Complementando a atividade podem, eles mesmos, buscar outras referências (canções, poemas, filmes, obras de artes plásticas) e dividir com a turma.

## ATIVIDADE ESPECIAL

Esta atividade tem como proposta unir as discussões e as atividades anteriores acerca do principal tema de *O chamado do monstro* — o autoconhecimento —, fazendo com que os alunos reflitam ainda mais sobre ele, criando novas formas narrativas que tenham como base o livro lido.

**PRIMEIRO PASSO** Concluída a leitura do livro, retome com a classe as passagens que o monstro fala sobre o poder das histórias. Em seguida, incentive os alunos a refletir e falar sobre suas próprias experiências de ler e ouvir histórias em determinados momentos de suas vidas, se houve identificação entre o que era vivido e a história lida/ouvida.

**SEGUNDO PASSO** Divida os alunos em grupos que, de preferência, não ultrapassem o número de quatro alunos, pois um grupo muito numeroso dificultaria o processo de escrita e trabalho coletivo.

**TERCEIRO PASSO** Proponha aos grupos a coleta ou criação de relatos de experiências pessoais. Instrua os alunos a entrevistar pessoas que passaram por experiências de vida marcantes e a criar um roteiro prévio para estas entrevistas. Ou, se preferir, os grupos podem criar as histórias, a partir de uma sinopse elaborada em sala de aula.

**QUARTO PASSO** Os alunos devem sair para fazer as entrevistas e transcrevê-las; ou, no caso de criação, desenvolver um relato ficcional a partir da sinopse elaborada.

**QUINTO PASSO** Os professores de português e de artes devem orientar os alunos na adaptação das entrevistas ou relatos ficcionais para o formato de um monólogo teatral. Para isso, é importante abordar, em sala de aula, este gênero e as diferenças básicas de linguagem entre a narrativa literária e a narrativa cênica.

**SEXTO PASSO** Os alunos devem proceder à montagem e ensaios cênicos. Para isso, será necessário escolher uma única pessoa do grupo para encenação; as demais trabalharão em cenografia, figurino, e na própria direção da cena, auxiliando o colega-ator a acrescentar ritmo, entonação, gestos e movimentos à sua fala.

**SÉTIMO PASSO** Os grupos devem apresentar os monólogos à turma. Caso alunos e professores desejem, é possível montar um festival, apresentando-o à comunidade escolar e aos convidados.

## REFERÊNCIAS COMENTADAS

Esta seção traz sugestões de livros, sites, filmes e obras de arte sobre os temas abordados em *O chamado do monstro*.

Elas podem ser aproveitadas em futuras aulas expositivas sobre os temas, ou ter um uso mais prático e imediato, em que o professor exponha e divida as referências com os alunos, aproximando-os do livro lido. A ideia é que os alunos possam, além de entrar em contato com uma obra de boa qualidade, perceber que o livro engloba diversos tipos de referências, entendendo a literatura como uma porta de entrada para conhecer assuntos diferentes.

### FILMES

*Um grande garoto (About a boy)*

Chris e Paul Weitz, Inglaterra, 2002.

Este filme apresenta várias temáticas comuns com *O chamado do monstro*. Assim como Conor, Marcus é um menino de 12 anos que enfrenta humilhações e agressões de colegas na escola. Ele também é filho de pais separados e lida diariamente com a fragilidade da mãe, uma pessoa depressiva que tenta suicídio. Por conta disso, Marcus é um menino bastante independente, e, temendo que sua mãe tente se matar novamente, faz tudo para agradá-la. Desta forma, ao conhecer Will Freeman, tenta convencê-lo a namorar sua mãe. Embora este plano não dê certo, a amizade com Freeman faz com que ambos consigam superar a solidão e enfrentar seus problemas. Mesmo trazendo temas emocionalmente complexos, o filme tem passagens inteligentes e cômicas.

*Lado a lado (Stepmom)*

Chris Columbus, EUA, 1998.

Este filme aborda temas centrais de *O chamado do monstro*: o câncer e a morte. Uma menina de 12 anos e seu irmão de 7 são filhos de pais separados e, além de não aceitarem a nova namorada de seu pai, precisam cogitar a possibilidade de viver com ela após a morte da mãe, que descobre que está com câncer. Além de tratar do tema de pais separados construírem novos relacionamentos e novas famílias e de como isso é difícil para os filhos (assunto também abordado em *O chamado do monstro*), o filme mostra outro sentimento conflituoso vivido por Conor: a dificuldade de lidar com a morte da mãe e de cogitar viver com outra pessoa (no livro, com a avó; no filme, com a nova mulher do pai).

### LIVROS

*Dizem que sou louco*

Série Z, Ática, 2009.

O narrador deste livro, Devon Brown, tem 15 anos e acaba de se mudar com os pais para a cidade de Belford, nos Estados Unidos. Devon sofre de transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e conta com a ajuda de um novo psicanalista para vencer suas manias. Apesar delas, Devon não é um menino louco, perturbado. Antes, é um adolescente sensível, com dificuldades comuns a todos nessa fase da vida. Suas “tiradas” filosóficas ao longo da narrativa mostram isso. Ao conviver com diferentes pessoas e situações na nova cidade e escola, ele vai precisar encarar qual é a origem de suas manias – e, assim, num processo de autoconhecimento, aprender a amadurecer e respeitar mais a si mesmo, sem se esconder atrás de subterfúgios criados por si mesmo. Uma narrativa tocante que aborda o delicado momento de formação de personalidade que é a adolescência.

### *Fantasmópolis*

Texto e ilustrações de Doug TenNapel

Coleção Agaquê, Ática, 2011

Garth é um menino que tem uma doença incurável. Abandonado pelo pai, vive com a mãe, uma mulher cheia de mágoas. Sem mais nem menos o garoto é capturado por Frank, diligente funcionário do departamento governamental de imigração fantasma. Tudo fruto de um erro: ao tentar enviar um pesadelo (um cavalo-fantasma) para o mundo dos mortos, Frank inadvertidamente despacha Garth. Em *Fantasmópolis*, a cidade dos mortos, o jovem Garth descobre que, pelo fato de ainda estar vivo, pode voar. Mas o menino passa a ser perseguido pelo líder do mundo dos mortos. E aí a aventura realmente se torna eletrizante. Com perfeita integração entre roteiro e arte, *Fantasmópolis* é obra do norte-americano Doug TenNapel, artista agraciado pelo Eisner Award, a maior distinção do gênero, e um dos mais prolíficos autores contemporâneos, estendendo seus domínios para outras plataformas como filmes e games.

### MÚSICA

“Nänie”, op. 82

Johannes Brahms (1833-1897), 1881.

A palavra *nänie* é a forma alemã da palavra *noenia*, termo que, no latim antigo, designava uma canção fúnebre entoada pelos parentes da pessoa falecida. Brahms compôs esta canção a partir de um poema do alemão Friedrich Schiller (1759-1805), “*Auch das Schöne muss sterben*” (“A beleza também deve morrer”), que fala da inevitabilidade da morte. O poema reforça a ideia da fragilidade da vida e da beleza diante desse destino, reforçado pelas figuras da mitologia grega evocadas no texto: Eurídice, Adonis e Aquiles, que morreram jovens e belos. O verso final da canção, “*Auch ein Klaglied zu sein im Mund der Geliebten ist herrlich*”, “Ser um lamento nos lábios dos entes amados é maravilhoso”, remete ao sentido da canção fúnebre na Antiguidade: ser lembrado pelos vivos é continuar entre eles. Os rituais funerários criados pelos gregos (muitos deles mencionados na *Iliada*) evidenciam o desejo de se mostrar que a pessoa falecida era memorável, que vivera muitas glórias que não seriam esquecidas.

